

Excerto traduzido do livro

Manfred Geier
Worüber kluge Menschen lachen
Kleine Philosophie des Humors
Rowohlt Verlag
Reinbek bei Hamburg 2006
ISBN 3-498-02501-5

pp. 1-12, 59-67

Manfred Geier
Sobre o que riem as pessoas inteligentes
Pequena filosofia do humor

Traduzido por Peter Naumann

Índice

Breve prelúdio, ou “A filosofia acontece onde se ri.”

-7-

A exorcização do riso da filosofia

Por que o ateniense Platão refletiu sobre a idéia do ridículo, mas nada encontrou nela de risível

-13-

A história do filósofo ridente

Por que Demócrito de Abdera gostava de rir e foi considerado louco pelos seus concidadãos

-36-

O espírito zombeteiro de um filósofo cínico

Como Diógenes de Sinope divertiu-se às custas do grande Platão e de Alexandre Magno

-86-

O saudável movimento do diafragma

Por que Immanuel Kant em Königsberg era um homem espirituoso e considerava o riso saudável

-110-

Um problema maroto

O que os filósofos descobriram em mais de dois mil anos sobre as razões do riso

-144-

O prazer do riso

Por que o vienense Sigmund Freud contou tantos chistes, embora não acreditasse ser uma pessoa chistosa

-178-

As excentricidades de uma inteligência filosófica

Como o muniquense Karl Valentin brincava com a língua e provocava risos no seu público

-207-

O jogo final da metafísica

Pequena tolice filosófica, que trata de nada

-243-

Notas

-261-

Índice de nomes

-000-

Breve prelúdio, ou “A filosofia acontece onde se ri.”

*Ensina-se,
que o pensamento esteja acima
da ironia e do humor, e isso é ensinado
por um pensador completamente destituído
do senso da comicidade.*

*Muito engraçado!*¹

(Sören Kierkegaard, 27 de fevereiro de 1846)

TUDO COMEÇOU EM HAIA. Fugi dos chuviscos cada vez mais fortes para o Mauritshuis, cuja importância na época me era inteiramente desconhecida. Entre 1634 e 1644 Johan Maurits von Nassau-Siegen mandara construí-lo em estilo classicista, para dispor de uma residência adequada em Haia depois do seu retorno do cargo de Governador-Geral do Brasil holandês. Desde 1822 a casa é um museu, no qual se encontra a galeria de quadros da família real de Oranje. A coleção não é excessivamente grande, mas um tesouro de obras-primas. Aqui podemos ver os célebres quadros da “Idade de Ouro” das pinturas holandesa e flamenga, pintados por Jan Bruegel Pai, por Hans Holbein Filho, por Peter Paul Rubens e Frans Hals. Aqui está exposta a “Aula de anatomia do Dr. Nicolaes Tulp” de Rembrandt, esse quadro escuro de uma autópsia pública, no qual o médico disseca o braço esquerdo do cadáver nu e mostra os músculos e tendões. Aqui também podemos admirar “A menina com o brinco de pérola”, essa criatura misteriosa de Jan Vermeer.

Tudo isso empalideceu diante de um quadro que subitamente atraiu a minha atenção. Ele mostrou um jovem que se curva rindo sobre um globo terrestre. Com o gesto ligeiramente obsceno do dedo mindinho e do dedo indicador esticados, ele parece querer pôr chifres no mundo. Seu riso é sereno, alegre, quase jubiloso. Mas ele tem também um traço zombeteiro. Ri do mundo, maroto, com expressão levemente diabólica.

Acreditei descobrir nesse riso algo da cultura popular do riso da Idade Média e da Renascença, que descarregava as energias acumuladas no Carnaval e nos dias consagrados aos bobos e tolos, colocando de ponta-cabeça os valores e hierarquias

¹ Sören Kierkegaard. *Abschließende unwissenschaftliche Nachschrift*. 2ª parte. Em: *Gesammelte Werke*, vol. 7. Jena, 1910, p. 3.

sociais.² Mas o quadro transcendia essa impressão. Afigurou-se-me como um riso filosófico, que não surge a partir de uma situação específica nem visa algo determinado. Transcendendo o tempo, ele se endereçava à totalidade do mundo. Era um riso universal, representado num personagem cuja expressão serenamente zombeteira contaminava o observador. Quanto mais olhava para a figura, menos podia conter meu próprio riso.

Num canto do museu Mauritshuis comprei uma reprodução desse menino ridente. Mas só anos depois passei a interessar-me mais de perto pelo pintor e seu modelo. O quadro, com dimensões de 84,5 x 73 cm, apresenta o monograma “JoM”. No catálogo aparece sob o número 705 a informação de que se trata de Johannes Moreelse. Descobrir a sua identidade foi mais difícil do que supus. Seu nome não figura nas volumosas enciclopédias especializadas de história da arte, e mesmo a busca ampliada na máquina Google não fornece nenhuma informação clara. Encontramos sempre apenas Paulus Moreelse, pintor de Utrecht, nascido em 1571 e falecido em 1638. O fato desses dados freqüentemente se encontrarem também ao lado de retratos do filósofo ridente não facilita as coisas.³ Será que o pintor “JoM” teria errado ao rubricar seu prenome? Mas Johannes existiu, acabando por revelar-se filho de Paulus, nascido em Utrecht e falecido já em 1634, antes do seu pai, sob cuja sombra se encontra até os dias atuais. Podemos encontrá-lo por um desvio, “Heráclito”, um quadro que mostra um homem velho e queixoso, pesarosamente inclinado sobre o globo terrestre, as mãos postas, a fronte enrugada. O mundo pareceu ser um vale de lágrimas a esse filósofo, no qual só restava chorar.

Johannes Moreelse pintou seu “Demócrito” ridente como *pendant* ao Heráclito choroso, pois na indumentária da jovem figura renascentista, que exhibe também seu prazer físico, não se esconde ninguém menos do que o velho pesquisador Demócrito, que não foi apenas um *philo-sophos*, um amante da sabedoria, mas também um *philo-gelos*, um amante do riso e do humor. Seu pensamento estava sob o signo do *gelos* divino, do riso diante das tolices do gênero humano. Para ele, o ser humano não se caracterizava apenas por saber rir. Estava também condenado ao ridículo. E só a conjunção desses dois aspectos permite esclarecer o fascínio estranho do Demócrito ridente, cujo riso é a um só tempo sereno e alegre diante da vida, por um lado, e zombeteiramente superior, por outro.

² Cf. Mikhail Bakhtin. *Rabelais und seine Welt. Volkskultur als Gegenkultur*. Frankfurt am Main 1995.

³ Cf. Thomas Rütten. *Demokrit. Lachender Philosoph und sanguinischer Melancholiker*. Leiden; Nova Iorque; Copenhague; Colônia, 1992. Ilustrações

Assim como Johannes Moreelse desapareceu por trás do seu pai, Demócrito também se via diante de uma figura imensa. Assim ao menos afirma a história da filosofia, e Nietzsche já se indignou com isso. Pois enquanto a filosofia ocidental estava com Demócrito no melhor caminho para “avaliar corretamente” a existência humana, ela nunca atingiu esse objetivo, “graças a Sócrates”⁴ e seu discípulo Platão. Eles introduziram no jogo uma seriedade moral e um rigorismo gnoseológico, que expulsaram o riso da filosofia. Filósofos não riem, ao menos não na tradição inaugurada pelas obras de Platão.

Demócrito era natural de Abdera, cidade grega situada na costa norte do Mar Egeu. Abdera localizava-se no país dos trácios, e talvez venha de lá esse riso, tão raro na filosofia ou mesmo devido a razões filosóficas, pois o riso de uma jovem escrava trácia sobre o sábio Tales de Mileto, quando ele caiu num poço por não ter olhado para o chão, mas para o céu estrelado, tornou-se proverbial. Platão descreveu essa cena, na qual se encontraram o sisudo protofilósofo e a protocomediante trácia, que teria sido “espirituosa” e “bonita”.⁵ Mas ele condenou o riso zombeteiro da escrava trácia, que só podia resultar da sua burrice. Assim a anedota platônica tornou-se o exemplo canônico da simploriedade obtusa dos incultos diante da filosofia.

“A filosofia acontece onde se ri. E as pessoas riem por falta de juízo.”⁶ Assim Hans Blumenberg resumiu essa longa história, que começa com a rejeição platônica do riso sobre o tombo de um filósofo e se estende até a atualidade. Só podem ser estultos os que riem sobre a filosofia e seus especialistas.

O riso, portanto, não teria nenhum lugar na filosofia? Não existem pessoas inteligentes, que se interessam pela filosofia, mas não aceitam que se lhes proíba rir?

Sim, mas precisamos procurá-los, o que às vezes exige visitas às correntes subterrâneas da história da filosofia, pois ao lado do sisudo Platão e dos seus incontáveis sucessores na filosofia acadêmica existe também o Demócrito ridente, que iniciou uma linha de tradição própria. Recapitularemos essa linha nesse livro com vistas a um período superior a dois milênios, iniciando com Demócrito e Diógenes, passando por Kant e Kierkegaard até chegarmos a Karl Valentin, que potencializou o espanto filosófico diante da linguagem em uma comicidade que nos permite vivenciar diretamente o prazer do riso.

⁴ Friedrich Nietzsche. *Werke III*. Editado por Karl Schlechta. Frankfurt am Main, Berlim; Viena, 1972, p. 1047

⁵ Platão. *Teeteto* 174 a, b. A escrava trácia é “espirituosa” e “bonita” na tradução de Martin Heidegger, em: *Die Frage nach dem Ding*. Tübingen, 1962, p. 2.

⁶ Hans Blumenberg. *Das Lachen der Thrakerin*. Frankfurt a. M. 1987, p. 149. Cf. H. Blumenberg. *Der Sturz des Protophilosophen. Zur Komik der reinen Theorie*. In: Wolfgang Preisendanz und Rainer Warning (edd.): *Das Komische (= Poetik und Hermeneutik. Band VII)*. Munique, 1976, pp. 11-64.

Mas a escrava trácia também encontrou seus seguidores. Foi possível descobrir no seu riso uma inteligência, com a qual os sisudos filósofos nunca teriam sonhado. É o riso libertador de uma mulher que num fugaz instante desmascara a mentira fundacional da filosofia européia: que o preço do amor à sabedoria seria necessariamente o distanciamento do mundo vivido. “Assim a jovem trácia, embora escrava, não representa aqui a miséria sofrida ou a silenciosa obediência de uma mulher oprimida; ela representa a fuga para e a explosão em um riso que inclui de modo cortante breves palavras de sabedoria: os assuntos do mundo remanesçam ocultos para a filosofia, que inicia com Tales a sua empreitada da desrealização [Entwirklichung].”⁷

O riso humano pertence às coisas mais belas do mundo, se as compreendermos do ponto de vista da práxis da vida. Ele e suas razões são o tema da nossa *Pequena filosofia do humor*, no duplo sentido do genitivo contido em *do humor*: do ponto de vista da filosofia importa esclarecer quando e sobre o que as pessoas riem; mas queremos mostrar ao mesmo tempo que há também filósofos ridentes, em cuja vida e obra o humor, “esse talento delicioso e raro”⁸, interpretado na sua fonte por Sigmund Freud, desempenha um papel importante. Não preciso enfatizar especialmente que simpatizo com eles.

Hamburg, Sankt Pauli, 11 de novembro de 2005

pp. 59 – 67 (do cap. 2: A história do filósofo ridente)

[...] Na retrospectiva sobre o Pseudo-Hipócrates tanto a doutrina hipocrática do efeito curativo do riso quanto a filosofia do riso de Abdera foram grandemente reconhecidas, pois as cartas ficcionais e imaginadas de Hipócrates⁴⁶ tratam na sua segunda parte de uma estranha viagem do médico a Abdera, cidade natal do sofista Protágoras e do filósofo Demócrito. Hipócrates efetivamente deve ter conhecido bem essa cidade, pois nela ele diagnosticou doenças freqüentes, que eram causadas pelo clima adverso e enfraqueciam a capacidade de pensar. Já na sua época os habitantes de Abdera, cidade

⁷ Adriana Cavarero. *Platons Töchter. Frauengestalten der antiken Philosophie*. Hamburgo, 1997, p. 86.

⁸ Sigmund Freud. *Der Humor*, in: *Gesammelte Werke XIV*, pp. 382-389, p. 389.

⁴⁶ *Die Werke des Hippokrates. Corpus Hippocraticum. Ergänzungsteil: Die Briefe des Hippokrates*. Stuttgart, 1938.

comercial outrora poderosa, enfrentavam a má fama de serem mentalmente um pouco acanhados.

Na época, “abderita” era um qualificativo proverbial, tendo entrado também no livro de piadas *Philogelos* (O amigo do riso), no qual encontramos 18 piadas sobre esses pacóvios encastelados na sua cidade. Citemos três exemplos:

- Em Abdera a cidade se dividia em duas partes, uma metade oriental e outra ocidental. Quando de repente inimigos atacaram a cidade e todos ficaram aflitos, os habitantes da parte oriental disseram uns aos outros: “Não vamos afligir-nos, pois os inimigos estão entrando pela porta ocidental!”

- Um abderita quis enforcar-se, mas a corda se rompeu e ele acabou batendo no chão, ficando com um buraco na cabeça. Pediu um emplastro ao médico e colocou-o na ferida. Depois voltou e enforcou-se.

- Um abderita ouvira que cebolas e cápsulas de algodão produzem ‘vento’. Quando surgiu uma calma numa viagem marítima, pendurou um saco cheio na parte traseira do barco.⁴⁷

O autor do romance epistolar pseudo-hipocrático pôde emendar nessa tradição, não propriamente lisongeira para Abdera. Imaginou para tal fim o seguinte enredo: os cidadãos de Abdera pediram ajuda ao célebre médico da Ilha de Kos, pois seu concidadão Demócrito adoecera por excesso de sabedoria. “Pois esquecendo tudo e também de si mesmo, ele vela dia e noite, ri sobre tudo, miudezas e coisas importantes, considera-as bobagens e passa assim a sua vida” (p. 31). Ele parecia sofrer de uma doença do riso estúpido, que poderia também se tornar perigosa para os próprios abderitas, afinal de contas o riso seria contagioso. Os abderitas não sabiam mais o que fazer e corriam o risco de enlouquecer. Hipócrates aceitou o convite e prometeu ajuda. Por um lado, não apreciara ouvir da possível doença mental do famoso naturalista e conhecedor da humanidade. Mas ele também achava estranho que Demócrito ria sem parar. “Há, com efeito, algo de ruim no fato dele rir de tudo, pois se a falta de medida já é ruim, ela é ainda pior quando se estende a tudo” (p. 38). Hipócrates quis ver o que se

⁴⁷ *Philogelos. Der Lachfreund*. Textos grego e alemão, editado com introduções e comentário por Andreas Thierfelder. Munique, 1968. Cito as piadas nº 110, 112 e 120.

poderia fazer. O encontro do médico e do filósofo foi memorável. No fim da história o filósofo aparentemente doente provou ser um homem experimentado, prudente e cosmopolita, talvez um pouco “racional demais” (p. 43). mas os abderitas foram desmascarados como pessoas irracionais, prescrevendo-se-lhes uma boa porção de heléboro, o extrato da raiz de heléboro (*radix hellebori albi*), que era apreciado na escola hipocrática como laxante de sucesso garantido contra loucuras e sobre o qual a 21ª carta dava informações especializadas.

A 17ª carta fingiu o encontro entre o médico e o filósofo. Esse encontro foi classificado como fruto da imaginação dos contos de fada e das fábulas. Ao mesmo tempo, porém, a substância filosófica do episódio foi eliminada. Ela se evidenciou em uma espécie de troca de papéis: o médico diagnosticou a saúde do filósofo e recomendou a sua sabedoria como a melhor terapia, e o filósofo analisou a desrazão humana e realizou nesse tocante investigações, cujos resultados acabaram sendo absorvidos pela pesquisa médico-farmacêutica.

A descoberta insuperável do sábio de Abdera é o importante papel do riso nessa imbricação holística de diversas esferas da vida. Estamos diante do salutar riso de um médico-filósofo, que se volta, não em último lugar, também contra a sisudez do rei-filósofo de Platão. O adversário verdadeiro de Demócrito não era Heráclito, que chorava, mas Platão, que era destituído de senso de humor, embora seu nome não tenha aparecido na narrativa.

Conduzido por alguns abderitas à moradia de Demócrito, localizada um pouco fora da cidade atrás de uma colina, Hipócrates viu que o sábio estava ocupado intensamente com pesquisas. Estava sentado à sombra de um plátano, volta e meia lia um livro, pensava e fazia apontamentos. Diante dele estavam alguns animais abatidos, cuja estrutura interna e fisiologia animal ele estudava com atenção sempre renovada. Esse comportamento estranho confirmou apenas o preconceito dos abderitas: “Vês, Hipócrates, a vida de Demócrito, que ele está demente e não sabe o que quer nem o que faz”(p. 44). Ao ouvir isso, Demócrito sorriu e meneou a cabeça. Ora, esses abderitas! Eles simplesmente não sabiam o que era a pesquisa. Mas o desconhecido que se aproximou dele parecia ser um homem inteligente. Demócrito saudou-o inicialmente como “forasteiro”. Depois de ter ouvido o seu nome, o forasteiro se transformou em “amigo”. Parece ter havido uma espécie de irmandade cosmopolita entre os dois pesquisadores, que se tinham em alta conta. “O que te trouxe até aqui, meu amigo?” (p. 45) Hipócrates silenciou sobre o seu verdadeiro motivo, para não falsear seu diagnóstico médico. Teria chegado apenas “para encontrar-se com um sábio” (p. 45).

Para iniciar a conversa, o visitante perguntou o que Demócrito estava fazendo. Foi informado que ele estava investigando as causas fisiológicas da demência. Estaria escrevendo um livro *Peri manies*. Por isso teria também cortado os animais, pois suspeitava que a bÍlis teria um papel importante no surgimento das loucuras. O médico considerou essa etiologia do colega uma hipótese perfeitamente razoável, elogiando-o pelas suas pesquisas. Demócrito deveria ser uma pessoa muito feliz, “pois gozas tanto ócio: a nós não é consentido participar dele, pois a agricultura, os filhos, o dinheiro, as enfermidades, os óbitos, a criadagem, o matrimônio e outras coisas parecidas nos tiram o tempo” (p. 46). Demócrito teve de rir sobre esse elogio estranho, embora seu riso inicialmente soasse um pouco abafado. Mas por que ele riu, aparentemente sem motivo ...

[legenda do quadro:

Jacob Backer (1608-1651). *Demócrito e Hipócrates*. Por volta de 1630. Pintura sobre tela, 94 x 64 cm. Milwaukee, Coleção do Dr. Alfred Bader.

... plausível e indo além da medida comum? O médico emendou a sua pergunta provocadora: “Exijo saber a razão do teu sofrimento, que riso eu ou as minhas palavras parecem merecer, para que eu aprenda com isso e elimine a causa ou tu, uma vez refutado, desistas do riso inadequado” (p. 47).

Demócrito aceitou o desafio, e disso resultou uma conversa longa, mas muito divertida, na qual o filósofo justificou seu riso não apenas como traço distintivo do seu caráter individual, mas fundamentou-o também como uma reação adequada diante da vida, pois mostrou ao visitante com agudeza extrema as crises, nas quais a maioria das pessoas se encontrava, sem conhecer a saída.

Para ele, a crise ecológica consistia na desmedida falta de consideração com a qual os homens devastavam a terra, sobretudo na busca da prata e do ouro. “Eles cortam as veias da terra, fazem bolotas da terra maternal para obterem ouro. Pisam, porém, com os pés essa mesma terra, que eles admiram. Que ridículo: estão apaixonados pela terra repleta de sofrimentos e oculta, mas maltratam a terra visível!” (p. 48)

A causa da crise econômica estava na avidez pelo dinheiro, direcionada para possuir cada vez mais. Ela não se deixava limitar por qualquer tipo de autosuficiência dos animais, aparentemente “irracionais” (p. 52), que param quando estão saciados. “Qual touro se saciaria com avidez? Qual pantera chegaria à insaciabilidade? O porco selvagem apenas tem sede enquanto quer beber; o lobo pára depois de ter dilacerado o

que lhe cabe de alimentação necessária” (p. 52). Mas os homens sempre estão empenhados em obter mais dinheiro e propriedades, do que resultava uma dinâmica que os apequenava cada vez mais. Eles viviam sob o jugo do dinheiro e estavam entalados num processo que não mais sabiam controlar. “Cercam um grande terreno e denominam-no sua propriedade e querem ser senhores absolutos sobre grandes extensões de terra, mas não tem poder sobre si mesmos” (p. 48).

Mas a pior crise era a mental: os homens não se conheciam mais. Não sabiam o que faziam ou queriam. Brigavam pelas suas posses, embora não pudessem levá-las para o túmulo. Ávidos, buscavam o que não podiam atingir, mas não se alegravam com o que possuíam. Veneravam estátuas sem vida e adoravam imagens mudas, mas odiavam seus próximos, que sabiam falar. Tinham horror à vida, mas queriam viver por medo da morte ou desejavam ficar idosos, para se lamentarem, depois de terem atingido a velhice. “Pervertem tudo segundo a sua própria cobiça” (p. 49). “Não conservam a sua opinião em nenhum estado” (p. 51). Deixar-se-iam levar pela vida afora sem sentido nem inteligência, jogando-se ora nessa, ora naquela direção sem nenhum plano, “prejudicados na sua mente, inflados, difíceis de ensinar sobre seus atos desordenados, por causa do seu pensamento ilógico” (p. 50). Consideravam loucura a capacidade de olhar com clareza o curso do mundo e conhecer-se bem, e a sua própria desrazão era para eles algo inteiramente natural.

Todas essas tolices não fizeram Demócrito chorar, mas rir. Considerava seu riso adequado, pois estimava-o como o meio melhor, não apenas para não afundar no desespero, mas também para sinalizar aos abderitas a sua ridícula loucura. “Meu riso condena a sua falta de planos, pois eles não têm nem olhos nem ouvidos” (p. 51). Por um lado, não nutria grandes esperanças de poder esclarecer seus concidadãos sobre si mesmos e sobre os seus atos. Não tinha ilusões. Por outro lado, mostrava com seu riso que não estava disposto a entregar o direito humano à alegria de viver.

Um pouco dessa alegria inteligente contagiou o médico, num primeiro momento tão sisudo. “Muito contente”, comunicou o resultado da sua análise aos abderitas que o esperavam cheios de expectativas na colina: “Homens de Abdera, agradeço-vos pela embaixada que me trouxe a vós, pois vi Demócrito, o homem mais sábio, o único capaz de tornar as pessoas racionais” (p. 55).

A tradição não informa se Hipócrates incluiu o riso democrítico na sua oferta de curas e na sua terapia. Provavelmente ele preferiu a raiz de heléboro. Mas essa prescrição médica também não era destituída de uma segunda intenção bem-humorada, pois desde

Hipócrates a planta medicinal 'raiz de heléboro' era considerada ao lado do riso o remédio mais eficaz contra a melancolia, por produzir um efeito parecido ao riso. A sua aplicação provoca espirros descontrolados e convulsões do corpo, que podem quebrar a rigidez ensimesmada do luto melancólico. Mas isso também acontece no riso desabotoado, ao qual não se pode resistir, pois ele provoca comoções à maneira de convulsões, de modo que nos sacudimos de tanto rir e ficamos totalmente fora de nós. E assim foi apenas coerente que o encontro dos dois pesquisadores tenha terminado com a promessa hipocrática: "Depois do acaso nos ter reunido, farás bem se nos escreveres com mais freqüência e nos informares sobre os teus tratados. De minha parte, envio-te também o tratado sobre a aplicação da raiz de heléboro. Adeus! (p. 67)"